

Memória e identidade: o Colégio de Calçado como marco das gerações compreendidas entre 1939, ano de sua fundação, até sua encampação pelo Governo do Estado, em 1959.

Alacir de Araújo Silva – PPG-USP

1- INTRODUÇÃO

Buscar na memória... recordar... reviver as experiências escolares. Lembranças boas, saborosas, prazerosas, cheirosas, mal-cheirosas, sofridas, bem vividas. Todas vão chegando de mansinho nessa viagem ao passado, a partir da leitura de imagens, fotografias, textos orais e escritos de ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários do Colégio de Calçado que nos reportam a lugares que nos fazem lembrar de gente, cheiros, escolas, alegrias, tristezas, incertezas, infância, juventude, maturidade, desafios, adolescência, grêmio, serenatas, vozes, burburinhos, vento, sussurros, frio, calor, brincadeiras, infância, ah! de uma infinidade de tantas outras coisas que nos fazem viajar no tempo: o uniforme com saia pregueada azul-marinho com suspensórios, a blusa branca e o laço marinho para as meninas; túnica cáqui para os meninos. Tais vestimentas constituíam uma das marcas de identidade do grupo. “As roupas são, pois, uma forma de memória ” Stallybrass ¹ (1999, p.42). Saber, sabor, dissabor: a mesma origem dando asas à imaginação.

A cidade de Calçado também faz parte dessa história com suas ladeiras, jardins floridos, um friozinho gostoso e um sopro de vida que chegava pelos jornais, viajantes e rádio, no início do século XX. Conhecida como cidade sorriso - entre montanhas e flores, é ladeada por montes imponentes, como a Serra do Jaspe e por formações rochosas, como os Pontões, elementos balizadores do espaço/tempo calçadense. O município, povoado por mineiros que por lá aportaram em busca de novas terras ou de refúgio em função de fracassos revolucionários na época do Império, tem muitas identidades com o povo mineiro, seja nos costumes rígidos, na culinária, nas tradições.

O município de São José do Calçado vivia da monocultura do café que, por essa época, 1938, estava em baixa cotação nos mercados interno e externo. Sem estradas, a comunicação era precária por aquelas bandas. Um único ramal de estrada de ferro chegava a então Vila de Bom Jesus do Norte, pertencente ao município de São José do Calçado. As notícias ali chegavam por estafeta, em lombo de animal, quando não chovia. O telégrafo, deficitário, foi desativado e seu restabelecimento se deveu à coragem e tenacidade do jovem advogado Pedro Vieira Filho, que liderou um grupo de moradores para defender e pleitear para o município essa via de comunicação. Uma campanha junto à população foi realizada para que esse tipo de serviço fosse mais utilizado. O povo respondeu positivamente a esse apelo e o telégrafo voltou a funcionar. A cidade recuperou seu contato com o mundo.

2- CONTEXTO HISTÓRICO

Era o ano de 1939. Nesta data começa a história do Colégio de Calçado, no interior do Espírito Santo, numa cidadezinha chamada São José do Calçado. Fruto do idealismo de um jovem casal, o colégio foi um marco cultural-educacional na região sul do estado, que tinha na agropecuária e na cafeicultura sua base econômica. No mundo, a 2ª guerra mundial cujas notícias chegavam pelo rádio, para as poucas famílias que possuíam esse aparelho. Vida cultural precária, perspectivas de estudos além da 4ª série restritas àquelas famílias de poder aquisitivo maior. Alunos carentes não viam possibilidades além do primário. Diante de tantas dificuldades, o município esteve prestes a ser extinto ou a ter sua sede transferida para a Vila de Bom Jesus do Norte.

Naquela época, a crise cafeeira estava empobrecendo a região e os esforços de um grupo, liderado pelo casal Pedro-Mercês, fizeram a esperança retornar ao município. Assim, em 19 de março de 1939 era inaugurado o Ginásio de Calçado, tendo como objetivo primeiro ampliar as possibilidades educacionais dos jovens da região, bem como fixar as famílias no município e ser uma nova atração para o lugar. Assim, uma nova página começou a ser escrita e vivida em terras calçadenses...

Por ali passaram alunos exemplares que, hoje, se destacam em diversos setores profissionais da capital e do mundo.

Calçado encontrou sua expressão máxima no colégio e toda a vida cultural, política, social e econômica da cidade girava em torno do educandário, como era chamado, também. Jovens de municípios vizinhos, atraídos pela qualidade do ensino ali ministrado, chegavam para estudar. Pensionato feminino e pensão para rapazes foram abertos na cidade para acolher os estudantes que vinham de fora. A vida ali tomou outro rumo. Centro educacional por excelência, estando aí incluídos, também, atividades culturais e esportivas, fazendo parte desse cenário que, a cada dia, se projetava mais. A pequena cidade de Calçado se tornou referência na região pela arrojada proposta educacional que desenvolvia.

Entender e analisar o processo educativo-cultural que o Colégio proporcionou aos seus alunos, funcionários e comunidade, bem como a contribuição dada à região constituem o objetivo principal desse estudo.

Esta pesquisa tem como base teórica autores cujas reflexões sinalizam como ponto central de suas obras a memória, a análise do discurso, a história oral, as relações sociais, a narração. Dessa forma, Henri Bérson², com *Matière et Mémoire*, Maurice Halbwachs³, com *Les cadres sociaux de la mémoire*, Walter Benjamin⁴, com *Obras Escolhidas*, volumes I e II, Ecléa Bosi⁵, com *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, José Carlos Sebe Bom Meihy⁶, com *Manual de História Oral*, Eni Orlandi⁷, com *Análise de discurso* e tantos outros que deram uma contribuição relevante a este estudo.

Matière et mémoire, de Bérson, fornece subsídios que ajudam a entender a natureza e as funções da memória. Ao interpretar o pensamento de Bérson, assinala Bosi (2003):

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Segundo, ainda, Bérqson, as lembranças estão na cola das percepções atuais, “como a sombra junto ao corpo” . A memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”.

Halbwachs (1925), apud Bosi (2003), estuda os “quadros sociais da memória”, a realidade interpessoal das instituições sociais. Dessa forma, a memória do indivíduo está relacionada à classe social a que pertence, ao relacionamento com a família, a igreja, a escola, a profissão, aos grupos de referência.

Para Bosi, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. Teria razão, portanto, Benjamin (1994, p. 219) ao dizer em *Omelete com amoras*: “como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro”. Teremos ou não como trazer à memória dos pesquisados o *sabor* dos tempos de colégio?

Pela análise do discurso, busca-se estudar o “discurso que, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, Orlandi (2002, p. 15). A linguagem, para a análise do discurso, é mediação entre o homem e a realidade natural e social. Pode-se conhecer a capacidade do homem de significar e significar-se, pelo discurso.

A questão que a análise do discurso se coloca é: como este texto significa? (Orlandi, 2002,p.17). Segundo a autora, para responder a esta questão, a análise do discurso produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade.

Segundo, ainda, Orlandi “a Análise do Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeito”. Elaborar perguntas é responsabilidade do analista e cabe a ele dar significado a elas. Isto nos reporta a Paulo Freire, quando diz: “é mais importante formular perguntas do que dar a

resposta”, estando aí implícita a relevância da questão formulada que, por sua vez, desencadeará a análise. De posse de seu dispositivo analítico, o pesquisador mobiliza conceitos, procedimentos, sua prática de leitura e de interpretação com os quais procura resolver suas questões.

Cumprir lembrar que as condições de produção do discurso compreendem basicamente os sujeitos, a situação e a memória. Por sua vez, a memória tem características próprias e é tratada como interdiscurso, por isso chamada, também, de memória discursiva que significa o saber discursivo que, por sua vez, é o pré- construído, o já- dito, que tem por base o dizível. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. Deduz-se, portanto, que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo. As condições de produção sinalizam três aspectos básicos: o material, o institucional (a formação social) e o mecanismo imaginário, Orlandi (2002).

A história oral temática, por sua vez, orientou a coleta dos depoimentos que constituíram parte do *corpus* para a análise de discursos de ex-alunos do Colégio de Calçado, de funcionários e de representantes da comunidade. Uma das entrevistas já realizadas faz parte desse trabalho.

O *corpus* deste estudo é composto por: a- publicações de artigos no jornal “A Ordem”, de São José do Calçado e no jornal “A Voz do Povo”, de Bom Jesus do Itabapoana, reunidas no livro “O Ginásio de Calçado e o seu cinquentenário, de Mercês Garcia Vieira⁸ (s/d); b- depoimentos colhidos através de história oral temática; c- leitura de imagens: fotografias, pinturas e desenhos relacionados ao colégio.

3- ALGUNS RESULTADOS

Pesquisa realizada em Vieira (s/d) e em alguns dos depoimentos colhidos pela história oral demonstra que o Colégio era o marco cultural calçadense da época e o pólo educacional da região. Artigos publicados em jornais e discursos proferidos por ocasião do cinquentenário do Colégio, bem como por algumas histórias orais já colhidas demonstram ufanismo e satisfação em ter sido aluno daquele estabelecimento de ensino. A educação no Colégio de Calçado, a exemplo do personagem de Benjamin (1993, p. 37) que, diante da leitura, se

deixava concernir pelo acontecido e *ficava com o corpo coberto pela neve do lido*, levava, da mesma forma, os alunos do período compreendido entre 1939 e 1959 a se encantarem pelos acontecimentos ali vividos, ficando, também, *cobertos pela neve do lido* .

A análise dos discursos sinaliza, dentre outros aspectos, compreensão, conhecimento, reconhecimento, preparo atitudinal diante da vida e um grande orgulho em ter sido membro daquela comunidade. O Colégio de Calçado abriu perspectivas não sonhadas por muitos jovens da região, conforme atestam muitos depoimentos de ex-alunos. Almeida, em um texto de 1989, do livro *O Ginásio de Calçado e seu cinquentenário* (s/d, p.57), de Vieira, assinala: O Colégio de Calçado, marco principal da história de São José do Calçado, visava beneficiar seus conterrâneos de todas as estirpes, principalmente, os mais pobres. O autor do texto se nomeia um dos beneficiários da educação - um dos bolsistas. Além de advogado, chegou à presidência de um banco.

“*Je suis présent*” marcava o início das aulas de francês, ministradas por D^a Mercês, e se tornou o título de outro texto escrito por ocasião do cinquentenário do Colégio. Pondera o autor, desembargador José Cabral de Melo, aposentado, rememorando o menino de 11 anos de idade, deslumbrado com aquela língua: “Afinal, falar em Francês nesta querida terra calçadense, no ano de 1939!... Era necessário? Ou era pretensão? Ou era ficção?”

O autor ressalta, ainda, que o tema da aula sempre juntava a língua à sua própria história. Dessa informação, podemos inferir que a professora se preocupava já àquela época em contextualizar o ensino, acrescentando fatos históricos pertinentes.

Além desses conhecimentos, havia também o sinal da religiosidade que, segundo Melo, o Ginásio de Calçado foi precursor. A aula terminava com a reza da Ave Maria em francês. A escola, para Melo, era amiga, de preceitos rígidos e de ensino forte, de onde saíram políticos, médicos, advogados, dentistas, empresários, professores, diplomatas, governador do estado, ministro. No contexto do discurso de Melo, a profissão professor já não figurava como ilustre. Relata o autor que, ao se referir ao Professor Lourismário (juiz) foi repreendido pelo Dr. Pedro Vieira (proprietário do colégio): Professor, não. Dr. Lourismário. E conclui o autor: “pela primeira vez aprendi o dever de valorizar a cultura”. Pergunta-se, então: a que

cultura Melo se referia? ela só existe no meio jurídico? Os demais professores não possuíam cultura? A tão adorada D^a Mercês, sempre apresentada por outros ex-alunos e pelo autor do texto, também, como eterna professora, culta, fina, competente e que nos idos de 1939 já ensinava francês, não seria culta na perspectiva do ex-aluno? Nesse aspecto, as contradições no texto estão colocadas. Finaliza Melo suas reflexões: os idealizadores do Colégio de Calçado viviam 50 anos à frente de seu tempo. E uma mulher professora fazia parte, também, desse grupo...

“A Mulher e o Colégio de Calçado” é o título do artigo escrito por Nádia Teixeira de Rezende que assim o inicia:

Fruto de um belo sonho de um casal, em que o ideal de uma mulher se transformou em granito e verdade na área da educação, Mercês Garcia Vieira, mulher corajosa e grande mestra, deu vazão aos seus anseios de educar, fazendo surgir o Colégio de Calçado.

O Colégio possuía biblioteca, laboratório de ciências, quadra esportiva e o grêmio litero-esportivo Rui Barbosa que, em suas sessões, procurava formar a consciência cívica e literária de seus alunos, bem como prepará-los para um futuro engajado. Música, interpretação de poesias e de textos, bailes, competições esportivas faziam parte desse cenário. Aliás, como na época não havia clube na cidade, os bailes eram realizados no salão de festas do colégio, onde aconteciam, também, as chamadas provas orais... que produziam muitas lágrimas... e muitas alegrias também.

4- ENTREVISTAS

Sete entrevistas já foram realizadas com representantes das gerações de 40 e 50. Todos enfatizaram a figura da Dona Mercês como a grande idealizadora do Colégio e responsável principal pelos resultados positivos. Participação em olimpíadas em Vitória, a vida cultural e social que o Colégio oportunizava, as aulas de francês, de etiqueta, de literatura, de trabalhos manuais e o grêmio litero-esportivo foram ressaltados por todos os alunos.

.5- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo sobre o Colégio de Calçado e suas ações educativas, sociais e culturais deixou marcas significativas na comunidade e na região. Fotografias, artigos, histórias orais,

desenhos e pinturas fazem parte desse material que se encontra em análise, com o objetivo de resgatar a memória da instituição e os momentos ali vividos pelos grupos que dela faziam parte. Passado iluminando o presente pode orientar ações sociais outras no tempo/espaço do hoje e do amanhã. O período objeto da pesquisa é de extrema relevância para demonstrar o que se pode fazer em prol da educação se a gestão e os atores que nela atuavam estiverem afinados em conhecimento, solidariedade, entusiasmo, dedicação e espírito comunitário. Educar para o sucesso era, de acordo com uma entrevistada, um dos objetivos do colégio. Dessa afirmação, podemos inferir pelas falas de outros que, além do sucesso profissional, o que mais se buscava era o sucesso enquanto pessoa, balizada pela solidariedade, compreensão, amor ao próximo.

6- NOTAS

1. STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
2. BÉRGSON, Henri. **Matière et mémoire**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
3. HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire. In: BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembrança de velhos, 3.ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1994
4. BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas** : magia e técnica, arte e política. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
5. BOSI, Ecléa, Memória e Sociedade: lembrança de velhos, 3.ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
6. BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
7. ORLANDI, Eni P. Análise do discurso: princípios & procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
8. VIEIRA, Mercês Garcia. **O Ginásio de Calçado e o seu cinquentenário**. Vitória: Artgraf Ltda. s/d.
9. VIEIRA, Mercês Garcia. Pedro Vieira Filho: família Teixeira de Rezende. Vitória: Artgraf, 1990